

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## ESTUDOS SOBRE O TURF.

QUEIRÓS, José Martins de

Ano: 1895 | Número: 12

---

### Como citar este documento:

QUEIRÓS, José Martins de, Estudos sobre o turf. *Revista de Guimarães*, 12 (1) Jan.-Mar. 1895, p. 11-29.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# ESTUDOS SOBRE O *TURF*

(Continuado da pag. 158 do volume xi)

---

## TERCEIRA PARTE

VIII

### Apostas

Como ninguem ignora, as apostas sobre o *turf* são uma especie de contractos, em que duas ou mais pessoas, sustentando opiniões contrarias ácerca das probabilidades que este ou aquelle cavallo tem de sahir vencedor n'uma corrida, se propõem pagar — as que perdem ás que ganham — as quantias que entre ellas tiverem sido estipuladas.

Nos paizes estrangeiros, e notadamente em França e Inglaterra, têm as apostas attingido n'estes ultimos tempos proporções extraordinarias, e tão variadas e complexas são, que muitas vezes se torna necessario recorrer aos processos algebricos para se poderem decidir convenientemente. Entre nós, e felizmente o dizemos, nem ha a febre de apostar pelos cavallos, que se nota n'aquelles paizes, e que affecta todas as classes da sociedade, desde o mendigo até ás pessoas mais altamente collocadas, nem as apostas offerecem a menor complicação.

Em Portugal, como em Hespanha, estas operações reduzem-se a simples apostas entre os donos dos cavallos ou outras quaesquer pessoas, ás *poules*, e bem assim ás apostas mutuas — *paris-mutuels* — que são de todas as mais populares.

Uns certos aventureiros, denominados *book-makers* em con-

sequencia de fazerem uso de carteiras — *book* — em que assentam as apostas, tambem uma ou outra vez invadem os hippodromos da peninsula; mas ou porque a pouca concorrencia de espectadores e de cavallos lhes não offereça ensejo para as suas especulações, ou porque não sejam bem vistos pelo publico, pois em geral quando perdem abalam sem pagar a ninguem, o facto é que a sua industria não tem encontrado amadores entre os povos peninsulares.

O jogo dos *book-makers* consiste em apostar — não a favor, mas contra os cavallos de corrida — que, como uns verdadeiros papeis de credito, soffrem diferentes cotações consoante o seu merito ou a opinião em que são tidos. E é assim que estes industriosos apostam, por exemplo, quatro, oito, vinte e mesmo cem contra um, contra os cavallos que menos probabilidades têm de vencer, ao passo que pouco dinheiro arriscam contra os *favoritos*, que de ordinario dão ao par — à *égalité*.

Por isto se vê que um *book-maker* pôde ganhar ou perder muito dinheiro conforme a felicidade ou perspicacia com que joga, a actividade que desenvolve, e finalmente a má fé de que se serve para, ainda pelos meios mais indecorosos, fazer perder um cavallo com cuja derrota conta realisar uma somma importante. Não tem sido um nem dois mas muitos os *book-makers* que têm commettido a villania de comprar a peso de ouro os *jockeys*, *traineurs* e até os proprios donos dos cavallos, para n'uma dada occasião deixarem bater os seus mais afamados corredores <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Segundo diz a historia, o principe de Galles que viveu em 1791, de combinação com os *book-makers* de quem recebeu muito dinheiro, possuindo o mais afamado corredor d'aquelles tempos, não só ordenou ao *jockey* que perdesse uma corrida em que toda a gente apostava pelo seu cavallo, mas, o que é mais repugnante ainda, mandou-o ganhar a seguinte lucta quando viu que todas as apostas se fizeram contra elle. Este facto indecoroso e improprio d'um principe fel-o passar pelo vexame de perder a consideração de todos, e levou-o a vender os seus cavallos, a abandonar os hippodromos e a demittir-se das sociedades hippicas. O snr. Huesca, no seu *Diccionario Hippico y del Sport*, d'onde tiramos estes apontamentos, accrescenta que o principe, que até fugia de ouvir fallar em corridas, voltou passados cinco annos, e a instancias dos socios d'aquelles clubs, a apresentar-se no hippodromo de Newmarket! Quer dizer: que o principe, voltando aos seus antigos tempos do *turf*, tão serio e honrado era elle como a gente do *sport* que o rodeava.

É ordinariamente nos casos em que as apostas, feitas sobre os cavallos que perderam, não chegam para satisfazer as paradas dos que apostaram a favor dos vencedores, que os sobreditos aventureiros abalam com o dinheiro dos que perderam, deixando igualmente de pagar áquelles que ganharam. É curioso, mas o factó dá-se, e o mais engraçado é que a policia faz ás vezes vista grossa, chegando mesmo a rir-se d'aquelles que são ludibriados.

Para obstar aos roubos e a muitas outras manobras fraudulentas e irregularidades, a que as apostas dão logar, é que as associações hippicas juntaram aos seus regulamentos uns vinte e tantos artigos tendentes a regular quanto possivel estas operações, mas como as leis não permitem jogos de azar, não podem taes artigos ter vigor perante os tribunaes, e portanto continuarão a ser letra morta, mórmente para quem não prisma de ser honrado.

Em França e Inglaterra tão manifestos têm sido os roubos, e tanto se tem abusado da boa-fé e condescendencia do publico, que raros são os dias de corrida em que se não effectuem prisões. No hippodromo de Epsom é isso frequente, e por signal que ainda o anno passado, e em consequencia das apostas fraudulentas que fizeram, foram presas umas trinta e tantas pessoas, no numero das quaes se encontravam alguns *lords*!

No parlamento francez tambem já por vezes se tem lembrado e discutido a necessidade de pôr cobro ás apostas, que tão ruinosas têm sido para a sociedade, bem como, segundo dizem, para a propria raça cavallar; mas, ou por incuria dos governos, ou porque, apesar de tudo, ainda hoje considerem as apostas como um dos mais poderosos sustentaculos das corridas, a verdade é que, dos debates, em que têm tomado parte deputados e senadores de grande nome, nenhuma medida repressiva ou tendente a melhorar as condições das apostas tem resultado.

Verdade é que as apostas têm arruinado muita gente, mas tambem não é menos certo que sem um tal attractivo, que actualmente é uma parte integrante e talvez a mais vital das corridas, ninguem que não seja *sportsman* do coração se dará ao incommodo de entrar nos hippodromos. Os verdadeiros amadores d'este *sport* são em tão pequeno numero, que impossivel lhes seria sustentar os hippodromos e por conseguinte as corridas, se não tivessem a auxilial-os as grandes multidões, que pagam caro os seus logares — mais para apostar pelos cavallos do que para apreciar-os ou vêl-os correr.

Os donos dos cavallos tambem por outro lado podem encontrar nas apostas um tal ou qual subsidio para poderem custear as grandes despesas que fazem com os *traineurs*, *jockeys*, cavallos, etc., porque, emfim, os premios são em geral tão insignificantes, que mal chegam para satisfazer tantos encargos. De modo que, se por um lado apparece muita gente, e com motivo, a protestar contra as apostas, ha tambem por outro lado muito quem as defenda.

Que é de toda a necessidade regulamentar as apostas, e submettel-as á fiscalisação da policia, não ha a menor duvida, pois assim mais facilmente se acabará com os roubos e abusos a que ellas dão logar, mas a sua prohibição absoluta, além de ser inexequivel, viria dar um corte mortal nas corridas, que, como se sabe, são a verdadeira e unica fieira de aquilatar o *puro sangue* <sup>1</sup>.

Mas, voltando a fallar dos *book-makers*, diremos ainda que não só são incansaveis em angariar apostas por casa dos seus freguezes, e ás vezes com bastante anticipação da época das corridas, mas que nos dias em que estas têm logar cahem como abutres sobre os hippodromos, porque é alli que elles fazem a sua principal jogata.

É devéras curioso observar como estes aventureiros, quasi sempre de uma apparencia grutesca e duvidosa, de lapis em punho e enfileirados sobre bancos, tratam cada qual, á porfia e em altos gritos, de attrahir o publico a jogar na sua agencia, já indicando o nome dos cavallos que vão correr, já apregoando a sua cotação que fazem subir ou baixar á medida que o momento de entrar na pista se aproxima. São ordinariamente dois para cada agencia. Um colloca-se sobre um pequeno banco, para que os apostadores o vejam bem, e escreve a cotação dos corredores n'um cartaz albuminado á laia de lousa, que á sua esquerda e á devida altura está parafusado n'um poste; o outro, que está sobre o terreno, usa uma bolsa de couro a tiracollo, serve de banqueiro, vende os bilhetes e faz as transacções.

Quanto ao jogo d'estes industriosos, consiste, como dissemos, em apostar em cada corrida contra todos ou contra o maior numero de cavallos que lhes é possivel, estabelecendo

---

<sup>1</sup> Queremos fallar das corridas bem dirigidas e estranhas ás especulações e abusos, pois só assim as consideramos como necessarias para o aperfeiçoamento das raças cavallares.

para cada um a cotação que julgam lhes dará mais resultado. Este jogo, que se funda sobre as probabilidades negativas que um cavallo tem de vencer, é muito mais seguro que o jogo d'aquelles que apostam a favor dos corredores; primeiro, porque não havendo em cada corrida mais do que um vencedor, é ás pessoas que apostam a favor d'este que o *book-maker* tem a pagar, ao passo que embolsa as apostas de todos os cavallos que perderem e quantos mais forem mais dinheiro dão; segundo, porque quem aposta a favor quasi sempre o faz por um ou quando muito por dois cavallos, e ou tem poucas probabilidades de ganhar se o campo fôr numeroso, ou tem que apostar por todos, mas n'este caso perde todas as paradas excepto a do cavallo vencedor; terceiro, porque sendo importantes as apostas a favor de um determinado animal pôde dar-se o caso do *jockey* ser subornado, o que infallivelmente determinaria a derrota do mais afamado corredor. De modo que o *book-maker* tem sempre, como aquelle que *faz monte*, uma grande vantagem sobre os que apostam a favor.

Para que o leitor, pouco conhecedor do que são as apostas sobre o *turf* e das suas multiplas combinações, possa formar um tal ou qual juizo, vamos apresentar-lhe alguns exemplos, que bem melhor do que o que deixamos dito lhe darão uma idéa do que são taes operações.

Suppondo portanto que oito cavallos se acham inscriptos para tomar parte n'uma corrida, e que um *book-maker* aposta contra elles na proporção de seis contra dois, vejamos qual será o resultado da operação dado o caso de todos os cavallos terem tido tomadores. O resultado é tão facil de prever, quanto é certo que o *book-maker*, tendo de pagar seis libras á pessoa que apostou pelo cavallo que sahir vencedor, recebe todas as outras apostas dos sete cavallos que perderem, e como são a duas libras cada uma, o que perfaz quatorze, vem no fim de contas a ganhar oito libras.

Suppondo ainda que dos oito cavallos só seis tiveram quem apostasse por elles, ganha o *book-maker* quatro libras, porque tendo de pagar seis ao vencedor recebe dez dos cinco cavallos vencidos. Se as apostas se realisaram sobre quatro cavallos, tendo ficado os outros quatro sem tomadores, o resultado é nullo, quer dizer que o *book-maker* nem perde nem ganha, porque, se por um lado tem de pagar seis libras ao tomador do cavallo vencedor, recebe outras seis dos tres cavallos que perderam. Mas se em qualquer d'estas hypotheses o

vencedor tiver ficado de fóra, isto é, sem apostas, ganha o *book-maker* todas as paradas sem ter que pagar nenhuma. No primeiro caso ganha doze libras e no segundo oito.

Estas operações são das mais simples e não dão prejuizo aos banqueiros, salvo se arriscam mais dinheiro do que o que podem tirar do producto das apostas dos cavallos que perderem. No caso sujeito só quando mais de metade dos corredores não tiverem tido apostas é que o *book-maker* deverá perder, salvo se, como dissemos, tiver ficado de fóra o vencedor, porque então embolsa todas as apostas sem ter de pagar nenhuma.

Como naturalmente se deprehende, o resultado d'estas operações e das seguintes varia muito conforme o numero das apostas que cada cavallo tem. Quando acontece, o que raras vezes se dá, não ter cada cavallo mais de uma aposta, como acabamos de vêr, o resultado tanto para os pontos como para os banqueiros é o que acabamos de indicar; mas, quando os apostadores são numerosos, e espalham o seu dinheiro pelos diferentes corredores, pôde o *book-maker* ganhar ou perder muito dinheiro, segundo a cotação e o numero das apostas que tiver não só o vencedor como os cavallos vencidos.

O factó do *favorito* não ser alguma vez incluído nas apostas provém ordinariamente do acaso, de não ser conhecido do publico ou de propositadamente ser riscado dos cartazes. Os *book-makers*, quando receiam o vencimento de um cavallo, que é reputado superior aos outros, põem-no de parte, para vêr se o publico cae em apostar pelos restantes, com cuja derrota conseguem realisar ás vezes sommas importantíssimas.

Nas hypotheses que apresentamos todos os cavallos têm a mesma cotação por isso que para os *book-makers* todos correm com a mesma probabilidade de perder; mas, como nem sempre assim succede, e o mais natural é que haja uma grande differença entre todos os corredores, ponhamos outra hypothe-se em que as cotações sejam differentes e em harmonia com a maior ou menor probabilidade que os cavallos apresentam de chegar á meta uns depois dos outros.

Imaginando portanto que seis cavallos estão prestes a partir e que pelo numero 1 se fizeram sete apostas á razão de cinco libras contra quatro, que o numero 2 teve cinco apostas a tres contra duas, que o numero 3, por se julgar o *favorito*, foi cotado a seis contra seis, isto é ao par, e sobre elle se fizeram dez apostas, que o numero 4 teve apenas duas apostas a cinco contra duas, que pelo numero 5 se fizeram dez apos-

tas a seis contra tres e que finalmente o numero 6, que menos probabilidades tinha de vencer obtendo por isso a mais alta cotação e sendo portanto o *outsider* da corrida <sup>1</sup>, obteve ainda assim tres apostas á razão de trinta libras contra quatro, o resultado para o *book-maker* será, conforme os cavallos que ganharem, o seguinte:

1.º Se realmente o favorito, isto é, o numero 3 chegou primeiro á meta derrotando os cinco competidores, o *book-maker* paga aos portadores dos bilhetes, comprados a favor d'este cavallo, dez apostas a seis libras cada uma, o que perfaz sessenta; porém, embolsando dos cinco cavallos que perderam vinte e oito libras do numero 1, dez do numero 2, quatro do numero 4, trinta do numero 5 e dezeseis do numero 6 — ao todo oitenta e oito libras, — ainda vem a lucrar, deduzidas as sessenta que perdeu, vinte e oito libras justas.

2.º Se foi ao numero 4 que coube a victoria, tem o *book-maker* de pagar apenas as duas apostas que sobre este cavallo se fizeram á razão de cinco libras contra duas, isto é dez libras; mas ganhando vinte e oito do primeiro, dez do segundo, sessenta do terceiro, trinta do quinto e dezeseis do sexto, o que sommado dá cento e quarenta e quatro libras, tem por fim de contas um saldo a seu favor de cento e trinta e quatro libras.

3.º Se o *outsider* chega á meta vencedor, desmentindo assim a má conta em que, até pelo proprio *book-maker*, era tido, tem este de satisfazer aos portadores dos quatro bilhetes, que d'este cavallo, e talvez inconscientemente, se compraram, nada menos que cento e vinte libras; porém, embolsando cento e trinta e duas dos cavallos que perderam, ainda vem a ganhar doze libras. Com relação aos outros tres cavallos, quando a sorte lhes dêsse o vencimento da corrida, a operação seguiria do mesmo modo, quer dizer, que o *book-maker* pagaria os bilhetes do cavallo vencedor e receberia o producto dos bilhetes dos cavallos vencidos.

Como se vê n'estes exemplos, nem o favorito nem o *outsider* foram os cavallos mais favoraveis ao *book-maker*. O numero 4 foi o que lhe deu o maior lucro. Para os pontos, o animal com que mais lucraram foi o *outsider*, porque arris-

---

<sup>1</sup> Palavra que os inglezes empregam para designar o cavallo que menos probabilidades tem de vencer uma corrida.



cando apenas quatro libras a favor em cada bilhete, cada um d'estes lhes deu quarenta libras.

Os cavallos de surpresa, isto é, aquelles de que se faz pouco caso, são sem duvida, quando ganham uma corrida, os que mais recheiam as algibeiras dos *book-makers*, se porventura são dados a baixo preço e se a seu favor se fazem poucas apostas.

O *book-maker* que sabe do seu officio quasi nunca sae d'umas corridas sem ter ganho um bom par de libras, e se por acaso chega a soffrer algum revez, tem *artes* para se desforrar e ganhar ainda algum dinheiro, e é por isso que, como o batoteiro, tem uma enorme vantagem sobre os apostadores e tanto maior quanto mais numerosos estes forem.

Os cartazes de que os *book-makers* se servem, para realisar as suas operações sobre o *turf*, são uns cartões albuminados de 30 centímetros de largura por 40 de altura pouco mais ou menos, que parafusam sobre pequenos postes, como atraz dissemos, e que têm sobre os cartões não albuminados a vantagem de se poder apagar com um lenço ou com os dedos o que n'elles se escreve. D'outra sorte não poderiam os jogadores de profissão deixar de andar carregados de cartazes, attendendo ás muitas corridas a que assistem e á volubildade com que, a cada momento, fazem variar a cotação dos corretores. O modêlo d'estes cartazes é por exemplo o seguinte:

Nome dos cavallos	N.º 1 — 5	4
	» 2 — 3	2
	» 3 — 6	6
	» 4 — 5	2
	» 5 — 6	3
	» 6 — 30	4

Como vêmos, escrevem á esquerda o nome dos cavallos, assentam em seguida os numeros com que foram inscriptos no programma official e aos lados do travessão os algarismos, que representam, os da esquerda, as quantias, em libras esterlinas por exemplo, que arriscam por cada bilhete contra os cavallos que correm, os da direita, o preço de cada bilhete a favor dos corredores e á disposição do publico. Quer dizer que contra o cavallo numero 3, que foi o *favorito* n'uma das

nossas hypotheses anteriores, arriscou o *book-maker* seis libras contra seis; ora como o cavallo ganhou, perdeu elle *book-maker* tantas vezes seis libras quantos foram os bilhetes que vendeu d'este animal, e como foram dez, teve que pagar sessenta libras; mas, embolsando a importancia de todas as apostas que sobre os outros cavallos se fizeram no valor de oitenta e oito libras, como vimos, teve ainda um saldo positivo de vinte e oito libras.

Se foi ao numero 4 que coube a victoria, como n'uma outra hypothese figuramos, o *book-maker* arriscou e perdeu dez libras pelas duas apostas que sobre este cavallo se fizeram á razão de cinco libras contra duas; mas, ganhando dos cinco cavallos que perderam cento e quarenta e quatro, veio a aboatarse ainda com cento e trinta e quatro libras.

Se o numero 6, de *outsider*, como se presumia, passou a ser o vencedor, enganando assim os mais peritos em avaliar os corredores, ainda o *book-maker* não foi tão infeliz como poderia ser, porque dando-o a trinta contra quatro arriscou-se a perder muito dinheiro, se em logar de quatro apostas lhe tivessem tomado algumas mais; ainda assim, tendo de pagar cento e vinte libras, veio por fim a lucrar doze pelas apostas que ganhou contra os cinco cavallos que perderam.

É por meio d'estes cartazes e dos processos de que vimos fallando, que os *book-makers* realisam o seu jogo sobre o *turf*. O modêlo que apresentamos não comporta mais que seis cavallos; mas, quando o numero dos corredores é maior, costumam os *book-makers* parafusar dois ou mais cartões unidos, onde sem ser com letra minuscula assentam bem á vontade os nomes, numeros e algarismos d'uma grande porção de corredores, que juntamente se batem n'uma corrida.

A differença que se nota entre os algarismos da direita e da esquerda do travessão constitue a cotação dos animaes, que muito ao contrario do que se observa no jogo de fundos dá tanto menos valor ao animal quanto mais alta ella fôr. De fórma que um cavallo, que fôr altamente cotado a cincoenta contra dois, por exemplo, poucas probabilidades tem de vencer, ao passo que será tido como *favorito* aquelle que tiver uma baixa cotação. No modêlo que apresentamos, o cavallo numero 3, que está cotado ao par, seis contra seis, é considerado como *favorito* e ainda o numero 1, por isso que a differença que se nota entre os algarismos correspondentes é nulla no numero 3 e insignificante no numero 1, ao passo que o cavallo numero 6, que está a trinta contra quatro, é conside-

rado o *outsider*, portanto aquelle que menos probabilidades tem de vencer.

Não nos sendo possível elucidar o leitor ácerca das apostas mais complicadas do que as de que vimos fallando, e para cuja realisação são indispensaveis os calculos algebricos, porque emfim apenas de nome as conhecemos, vamos todavia apresentar-lhe um modêlo de apostas que encontramos na *Bibliothèque du Sportsman* de H. Robinson, que achamos curiosissima e em que ha a absoluta impossibilidade de perder.

Esta operação consiste em fazer sobre o mesmo cavallo, para a mesma corrida e com varias pessoas, quatro differentes apostas, sendo a primeira a favor do animal e as tres ultimas contra elle.

Na primeira aposta toma-se por exemplo o animal por quatro libras contra oitenta, o que não é difficil quando se procura fazer a operação com dois ou tres mezes antes da corrida para que está matriculado, porque então é facil de encontrar quem arrisque contra elle grossas quantias, mórmente se é considerado como fraco corredor. Dias depois faz-se com outra pessoa uma segunda aposta contra o animal dando-o a quarenta libras contra quatro. Em seguida apostam-se ainda contra elle vinte libras contra quatro, ultimando a operação com uma quarta aposta contra na proporção de doze libras contra quatro.

Ora de duas uma: ou o cavallo ganha ou perde a corrida. Na primeira hypothese a pessoa que apostou a favor do animal quatro libras contra oitenta, ganha esta ultima quantia, mas perdendo as quarenta libras, que apostou contra pela segunda vez, vem ainda a lucrar quarenta libras.

Na segunda hypothese, a pessoa que apostou as quatro libras a favor perde por um lado esta quantia, mas ganhando outra igual pela segunda aposta contra, vem no fim de contas a ficar em paz. De sorte que estas duas primeiras apostas já podiam, no caso mais feliz, dar um lucro de quarenta libras com a certeza de se não perder nem um real; mas para que a operação se complete dando um resultado positivo — e qualquer que seja a sorte do corredor — é indispensavel ainda realisar as duas ultimas apostas.

Se o cavallo ganha, como é a nossa primeira hypothese, a pessoa que fez contra elle a terceira aposta de vinte libras contra quatro perde aquella quantia, que deduzida das quarenta libras que ganhava pelas duas primeiras apostas, ainda lhe deixa um saldo a favor de vinte libras.

Mas se o cavallo perde, segunda hypothese, a primeira e segunda aposta ficam pazeadas como vimos, mas a terceira e quarta, dando cada uma quatro libras das pessoas que perderam com a derrota do animal, deixam ainda a somma de oito libras ao *book-maker* ou pessoa que fez a operação. De modo que, quer o cavallo ganhe quer perca, não pôde deixar de haver um resultado positivo, que no caso sujeito é de oito libras. É claro que se n'esta operação se arriscarem maiores quantias, tambem maior será o resultado logo que se observe a mesma proporção.

Esta especie de apostas nunca se deverá emprehender sem que o animal que a motivou, quando por qualquer circumstancia deixe de correr, seja considerado como tendo perdido a corrida, pois do contrario pôde suscitar-se entre as pessoas, que apostaram, uma questão sobre a nullidade da aposta, que não sendo difficil de resolver, porque quando não ha condições o cavallo que não corre perde, ainda assim é desagradavel para os commissarios que a tem de decidir, especialmente quando todas ou algumas das pessoas que apostaram não conhecem bem o codigo de corridas. Para estas a aposta seria nulla em consequencia do cavallo não ter corrido, mas o codigo de corridas, que é a lei do *turf*, determina que em não havendo condições em contrario, estabelecidas pelas partes contractantes, todo o cavallo inscripto e que não corra perde por este facto a corrida.

Para fazerem os seus assentos, não só com relação a esta especie de apostas, mas com relação a toda e qualquer, é que os *book-makers*, bem como os *backers*, isto é, as pessoas que apostam a favor dos corredores, usam umas carteiras que são o memorandum das suas operações sobre o *turf*.

A norma que geralmente usam para fazer os seus assentos é como segue: traçam-se em cada folha da carteira cinco travessões verticaes em cujos intervallos se escreve — no primeiro do lado esquerdo, a quantia que se arrisca; no segundo, aquella contra que se aposta; no terceiro, o nome do cavallo precedido de um F ou de um C, conforme se aposta a favor ou contra; no quarto, o nome da pessoa com quem se aposta. Na aposta de que nos occupamos a pessoa que tivesse apostado por um Lucero, por exemplo, na proporção de quatro libras contra oitenta, deveria escrever:

| Libras 4 | Libras 80 | F. Lucero | Fulano |

Na segunda aposta contra o mesmo cavallo deveria escrever-se :

| Libras 40 | Libras 4 | C. Lucero | Sicrano | .

Emfim a primeira norma serve para quando se aposta por um cavallo e a segunda para quando se aposta contra elle.

Fallamos das apostas em que os *book-makers* fazem de banqueiros e de *pontos* as pessoas que a elles se dirigem para apostar pelos cavallos de corrida; resta-nos portanto dizer como se fazem as *poules* e as apostas mutuas. Quanto ás apostas feitas entre os proprios donos de cavallos ou outras quaesquer pessoas, são de tanta simplicidade que não precisam da menor explicação.

As *poules* são uma especie de rifa em que só ha um bilhete premiado correspondente ao numero do cavallo vencedor de cada corrida. Os bilhetes brancos são os que igualmente correspondem aos numeros dos cavallos vencidos. As *poules* são consideradas como jogos de azar e portanto prohibidas; mas, como apesar d'isso se toleram, poucas são as pessoas que deixam de comprar alguns bilhetes quando nos dias de corrida se encontram nos hippodromos.

O systema de fazer as *poules* consiste em vender tantos bilhetes quantos são os cavallos que partem n'uma corrida ou que estão inscriptos no programma. Depois da venda de todos ou da maior parte dos bilhetes, mettem-se n'uma urna outros tantos bilhetes igualmente numerados e á medida que se vão extrahindo assim pertencem, o numero 1 á pessoa que comprou o bilhete de numero correspondente, o numero 2 ao que comprou o bilhete 2 e assim successivamente. De fórma que, depois de feita a corrida, quem comprou o numero do cavallo vencedor recebe a importancia de todos os bilhetes vendidos, menos uma pequena percentagem a que a agencia tem direito pelo seu trabalho.

As *poules* particulares e que ordinariamente se fazem entre meia duzia de amigos, um dos quaes empresta o seu chapéo para servir de urna, assentam sobre os mesmos principios; mas, não havendo deducção alguma, a pessoa a quem sahir o numero do cavallo vencedor ganha a importancia de todos os bilhetes.

As *poules*, que é costume fazer-se nas salas d'um Jockey Club nas vespas das corridas entre os proprios associados, differem um pouco das precedentes, porque, em logar de se

comprarem bilhetes, são os cavallos postos em praça e arrematados por quem mais der. Estas *poules*, além do grande interesse que despertam, são quasi sempre muito importantes, porque são constituídas pelo producto das quantias que todos os cavallos, que vão disputar uma corrida, dão em praça, e aquelles que têm grandes probabilidades de vencer são sempre arrematados por alto preço.

É claro que o arrematante de um cavallo, quando não é o seu proprietario, não tem pelo facto da arrematação o menor direito de consideral-o seu, mas o que fica é com direito a ganhar a *poule* caso o animal seja o vencedor.

O arrematante, segundo crêmos, pôde vender acto continuo e pelo preço da arrematação, o direito que viria a ter na aposta, mas n'este caso o comprador tem de dar o dobro do dinheiro que o animal custou, sendo uma metade para o vendedor e a outra para o fundo da *poule*. Se por exemplo o arrematante vendeu por quarenta libras, preço por que em praça arrematou um cavallo, o comprador tem de o embolsar d'esta quantia e de dar outra igual para o fundo da *poule*. Se pelo contrario o arrematante fica com o animal, porque é seu, porque não teve quem o comprasse ou finalmente porque confia na sua victoria, paga então para a *poule* a quantia por que o arrematou, sem que tenha de dar coisa alguma a ninguém.

São de ordinario os donos dos cavallos, que têm uma certa *chance*, os que arrematam para si ou compram áquelles que por especulação vão aos clubs, sómente para cobrir os lanços dos corredores afamados e ganhar á certa algumas libras. Esta especulação está tendo muitos adeptos e concorre immenso para augmentar o fundo das *poules*, porque leva os amadores d'este jogo a *picarem-se* uns com os outros e a darem portanto muito dinheiro pelos cavallos. Ha *poules* de dez, vinte, cem, trezentas, oitocentas libras e mais.

As *poules*, cuja importancia de cada corrida fica cuidadosamente guardada n'um subscripto lacrado e carimbado com o sinete do club, são entregues, nas salas das respectivas associações, n'uma reunião marcada para isso quatro ou cinco dias depois das corridas, ás pessoas que compraram os cavallos vencedores.

Quanto ás apostas mutuas, *paris-mutuels*, como dizem os francezes, além de serem as mais simples e as mais procuradas pelo publico, não se prestam aos abusos e ás manobras fraudulentas a que muitas das outras apostas dão logar. O

systema de fazer estas apostas, consistindo em dividir, pelo numero dos bilhetes tomados a favor do vencedor, a somma das quantias perdidas com os cavallos vencidos e de que as agencias tiram uma decima parte para sua commissão, dá uma idéa da simplicidade e lisura com que são feitas estas operações.

Se em vez da percentagem tivessem as agencias lucros ou prejuizos com o vencimento ou derrota dos corredores, ainda se poderia desconfiar que deixassem de pagar quando a sorte lhes fosse adversa, ou que influissem para que um determinado animal perdesse uma corrida, realisando assim, ainda que indignamente, uma somma importante; mas, como não auferem outros lucros além da sua commissão, que é sempre a mesma qualquer que seja o vencedor, não pôde o publico ter o menor receio de arriscar o seu dinheiro. Demais, como em cada corrida apparecem n'um cartaz os nomes dos cavallos, os seus numeros e respectivas apostas, só quem não souber lêr e contar é que deixará de avaliar o resultado que tirará apostando por este ou por aquelle corredor.

As agencias das apostas mutuas bem montadas têm, além do pessoal empregado no escriptorio de contabilidade e pagamento dos bilhetes premiados, mais dois empregados que estão n'um pequeno kiosque onde se vendem os bilhetes e se affixa o cartaz indicador das apostas e dos nomes dos cavallos que tomam parte em cada corrida. Um d'estes empregados vende os bilhetes cujo preço é o mesmo para todos os cavallos, sendo por exemplo em França de cinco, dez, vinte, quarenta, cem e quinhentos francos segundo as agencias, pois vimol-as lá de todos estes preços. O outro empregado, posto sobre um banco para que todos vejam o que faz, escreve no cartaz, e adiante dos numeros e nomes dos cavallos que correm, o numero dos bilhetes que por este ou por aquelle corredor se vão vendendo e que em alta voz annuncia aos circumstantes.

No exemplo pratico, que vamos apresentar para maior intelligencia do leitor, vér-se-ha o cartaz indicador dos numeros e nomes dos cavallos, bem como das respectivas apostas.

Apostas mutuas — 1\$000 reis cada bilhete		
N.º 1	Lucero.....	4+2+8+10..... = 24
» 2	Lansquet.....	2+6+4+8..... = 20
» 3	Chasseur d'Afrique	5+18+4+3+3+9+2+4+2 = 50
» 4	Lebre.....	1+1..... = 2
» 5	Misleader.....	3+6+10+4+3..... = 26
» 6	Beldemonio.....	9+4+1+1..... = 15
» 7	Aida.....	10+3+6+2+4..... = 25
		162

O processo de fazer estas operações consiste em dividir, pelo numero dos bilhetes vendidos a favor do vencedor, a importancia de todas as apostas depois de deduzidos os dez por cento para a agencia. O quociente representa a quantia que toca a cada bilhete.

No caso sujeito, deduzindo-se dos 162\$000, que é a importancia dos 162 bilhetes, a quantia de 16\$200, isto é, os 10 por cento para a agencia, ficam para dividir pelos bilhetes do cavallo vencedor 145\$800 reis. Se o vencedor foi o cavallo numero 3 divide-se esta quantia pelos 50 bilhetes tomados a seu favor, o que dá um quociente de 2\$916 reis, que é justamente o que toca a cada um dos 50 bilhetes, e como cada um custou 1\$000 reis, lucraram as pessoas que foram por este cavallo, 1\$916 reis por bilhete.

A pessoa que tomou os 18 bilhetes tirou 52\$488 reis, ou um lucro de 34\$488 reis. Se a corrida foi ganha pelo cavallo numero 4, que teve apenas duas apostas, divide-se igualmente a quantia de 145\$800 por 2, o que dá para cada bilhete o quociente de 72\$900, ou um lucro de 71\$900 reis. Se finalmente a victoria coube ao numero 7, divide-se do mesmo modo a quantia de 145\$800 pelos 25 bilhetes comprados a favor d'este animal, o que dará para cada bilhete 5\$832 e portanto um lucro de 4\$832 reis. Quem comprou os 10 bilhetes tirou 58\$320, lucrando portanto 48\$320 reis. Se a corrida fosse ganha por qualquer dos outros corredores, far-se-ia a operação do mesmo modo dividindo-se pelo numero de bilhetes a seu favor a quantia já sabida de 145\$800 reis.

Como se vê, qualquer pessoa o que pôde é não acertar com a escolha do cavallo vencedor, mas o que não pôde é ser enganada pelas agencias d'este genero de apostas, por isso que



não só não auferem outros lucros além da sua comissão, mas as suas operações são feitas á vista de toda a gente. Além d'isto, o que já não é pouco para quem arrisca o seu dinheiro, póde-se esperar, antes de comprar os bilhetes, que a cotação se estabeleça, porque sempre é mais ou menos um indício das probabilidades que os diferentes corredores têm de vencer ou de ser vencidos.

Se um cavallo tem já muitas apostas a seu favor, o que é um bom signal, a sua cotação desce chegando mesmo ao par; mas n'este caso, se o animal ganha, os lucros são insignificantes, a não ser que a pessoa, que está esperando a cotação, tome por elle muitos bilhetes, o que seria arriscado no caso de uma derrota. Se o animal tem por si poucas apostas, a sua cotação sobe, o que indica que tem na opinião geral as maiores probabilidades de perder. N'este caso é arriscado apostar por elle, mas tambem quando chega a ganhar a corrida é de todos o que mais dinheiro dá ao tomador.

Para se obter a cotação d'um cavallo, deduz-se do total das apostas o numero de bilhetes que teve a seu favor, e divide-se o que restar por estes mesmos, sendo os numeros inteiros, com relação á unidade da moeda escolhida, os que no quociente a representam <sup>1</sup>.

Pela simples inspecção do cartaz que, por exemplo, apresentamos, já se poderia saber que o Chasseur d'Afrique era tido como favorito, mas para se tirar á justa a sua cotação é preciso deduzir dos 162 bilhetes, somma de todas as apostas, os 50 que se tomaram a seu favor, o que dá 112, que divididos pelos mesmos 50 nos darão em quociente 2; ora como o preço de cada bilhete é de 1\$000 reis, diz-se que o Chasseur foi cotado a 2 contra 1, isto é, quasi ao par. Procedendo do mesmo modo encontraremos que a Lebre teve a mais alta cotação: — 80 contra 1 —, e que a Aida foi cotada a 5 contra 1.

Para terminarmos este capitulo, que é o ultimo dos nossos «Estudos sobre o *Turf*», sempre diremos duas palavras ácerca do que é o *Stud-book* e do modo de organizar as arvores genealogicas das familias equinas.

\*

O *Stud-book* é, segundo a phrase ingleza, um livro em que

---

<sup>1</sup> Entre nós a unidade da moeda tem sido de dez tostões.

se registam as genealogias dos cavallos de puro sangue. Este livro é da maior importancia para todos aquelles que se dedicam ao *sport* das corridas de cavallos, porque pelos assentos que n'elle se lançam pôde não só adquirir-se a certeza da origem dos reproductores, o que é importantissimo para quem quizer formar uma boa raça de corredores e de cavallos de serviço <sup>1</sup>, como pôde proceder-se á escolha dos productos que pela sua filiação e ascendencia mais probabilidades apresentem de serem vencedores, o que não é menos importante para se estabelecer uma cavallariça de corridas.

N'este livro, em que se assentam o nome, filiação, idade, côr e signaes caracteristicos dos poldros e poldras logo que nascem, bem como os nomes dos seus proprietarios, ha a mais rigorosa observancia, e nenhuma nação, em que se trata a serio do aperfeiçoamento cavallar, deixa de o possuir como sendo o livro d'ouro do cavallo de puro sangue. E se é certo que, por desleixo dos seus possuidores, alguns animaes deixam de matricular-se, os que se acham inscriptos não pôde haver a menor duvida de que pertencem á distincta familia dos cavallos corredores.

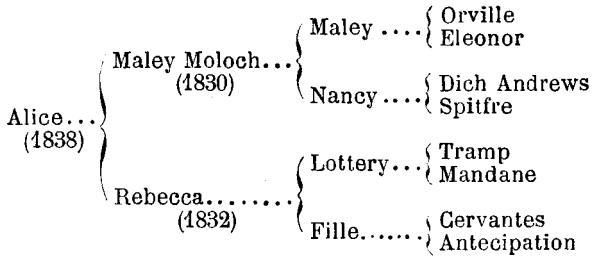
Em Portugal tambem se tratava de organizar um *Study-book*, e da sua coordenação tinha sido encarregado, segundo nos consta, o distincto *sportsman* Joaquim Garcia de Toledo, cuja competencia em materia do *turf* é de todos sobejamente conhecida; não sabemos porém se s. exc.<sup>a</sup> concluiu os seus trabalhos ou se desistiu de os levar a cabo, o que n'este caso seria para lamentar, não só porque deviam ser importantissimos attenta a alta competencia do snr. Toledo, mas porque especialmente para os *turf-men* haveria um guia seguro tanto para a escolha dos reproductores como dos cavallos destinados a correr.

O modelo de que os inglezes se servem para organizar as arvores genealogicas dos seus cavallos de puro sangue é o seguinte, que copiamos da *Bibliothèque du Gentleman*, e que de preferencia escolhemos por nos parecer simples e da mais facil comprehensão.

---

<sup>1</sup> Já dissemos que um reproductor de puro sangue, tanto pôde dar productos iguaes a si, isto é, igualmente de puro sangue, como pôde dal-os de meio sangue, tres quartos, sete oitavos, conforme a pureza ou percentagem de sangue da egua que cobrir.

A arvore genealogica que apresentamos é de uma egua notavel, chamada Alice, que nasceu em 1838, e cujos signaes caracteristicos e attestados de nascimento, filiação, etc., se acham descriptos no *Stud-book* inglez d'aquella época.



Portanto a egua Alice era filha do cavallo Maley Moloch e da egua Rebecca, neta, pelo lado paterno, do cavallo Maley e da egua Nancy, e, pelo lado materno, do cavallo Lottery e da egua Fille, e bisneta, por seu pae, dos cavallos Orville e Dich Andrews e das eguas Eleonor e Spitfre, e, por sua mãe, dos cavallos Tramp e Cervantes e das eguas Mandane e Anticipation. Ora como todos os bisavós de Alice eram, segundo vimos nas suas respectivas arvores genealogicas, netos e bisnetos do famoso Eclipse, que nasceu em 1764, e que era tataraneto, lado paterno, do cavallo turco Bierley, nascido em 1689, e bisneto, lado materno, do cavallo arabe Godolphin, nascido em 1730, segue-se que a egua Alice, que nasceu em 1838, descendia pelos quatro costados dos cavallos que nos seculos xvii e xviii mais nomeada tiveram sobre o *turf*, e que, como reproductores, mais efficazmente concorreram para o aperfeiçoamento da raça *thorough-bred* <sup>1</sup>.

Não conhecemos as genealogias dos cavallos inglezes Secret, Missionary, Brets Lion, Chasseur d'Afrique, Blak-Prince e outros que n'estes ultimos tempos padream em Portugal, porque, se as conhecessemos, talvez tambem poderemos encontrar

---

<sup>1</sup> O cavallo Eclipse, segundo diz a historia, só á sua parte deixou uns 400 filhos! a maioria dos quaes não deshonorou o nome do seu afamado progenitor.

nos filhos, que alguns d'estes reproductores deixaram, algumas gottas do precioso sangue que correu nas veias dos notaveis ascendentes da sobredita egua Alice. Assim, esperamos que o *Stud-book* portuguez, que um dia ha de vér a luz da publicidade, nos informará, bem como ao caro leitor, sobre estes assumptos, que são de um verdadeiro interesse para todos aquelles que se dedicam ao *sport* das corridas, bem como ao aperfeiçoamento da raça cavallar portugueza.

J. MARTINS DE QUEIROZ.